

O HORIZONTE

Não podia voltar para trás. Quando Honor Bright anunciou à sua família, de forma um tanto inesperada, que tomara a decisão de acompanhar a irmã, Grace, à América — quando escolheu o que queria levar consigo, conservando apenas o que era essencial, quando se desfez de todos os seus *quilts* e se despediu dos tios e das tias e beijou os primos, as sobrinhas e os sobrinhos, quando se meteu dentro da caruagem que as levaria de Bridport e subiu o passadiço, em Bristol, de braço dado com Grace —, um pensamento silencioso presidia a todos os seus gestos: poderei sempre voltar. Implícita nestas palavras, estava, porém, a suspeita de que, no instante em que os seus pés se separassem do solo inglês, a vida tal como a conhecia mudaria para sempre.

Pelo menos, a ideia do regresso adoçara os seus afazeres nas semanas que antecederam a partida, como a pitada de açúcar secretamente acrescentada a um molho para lhe quebrar a acidez. Ajudara-a a manter-se calma e a não chorar, como chorara a sua amiga Biddy quando ela lhe dera o *quilt* que tinha acabado de fazer: um *patch-work* de losangos castanhos, amarelos e creme unidos numa *Estrela de Belém* de oito pontas, acolchoado com um motivo de harpas e a moldura de penas corrida que era o seu cunho pessoal. A comunidade oferecera-lhe um *quilt* de assinaturas — cada bloco feito e assinado por um amigo ou membro da família — e não havia espaço para dois *quilts* no seu baú de viagem. Embora não tivesse sido tão bem executado como os que ela própria fazia, não podia separar-se dele. «Prefiro deixá-lo ao vosso cuidado, para que vos lembreis de mim», insistiu, quando a amiga, chorosa, tentou devolver-lhe o *quilt* da *Estrela de Belém*. «Farei outros no Ohio.»

Afastando o pensamento da viagem em si, Honor tentou concentrar-se no seu destino e na casa de ripas de madeira que o futuro cunhado descrevera a Grace nas cartas que lhe enviara do Ohio. «É uma casa sólida, ainda que não seja feita de pedra como aquelas a que estais habituada», assinalara Adam Cox. «Aqui, a maior parte das habitações é construída em madeira. Só quando uma família já criou raízes e não prevê mudar de morada é que constrói uma casa de tijolo.»

«Fica situada no fim da Main Street, nos limites da povoação», prosseguira. «Faithwell ainda é uma pequena cidade, congregando apenas quinze famílias de Amigos. Mas, com a graça de Deus, crescerá. A loja do meu irmão situa-se em Oberlin, uma cidade maior, a cinco quilómetros de distância. Ele e eu temos esperança de vir a mudá-la de sítio, quando Faithwell já tiver crescido o suficiente para sustentar um fanqueiro. Aqui, chamamos-lhe “negócio de secos”. Na América, há muitas expressões novas para aprender.»

Honor não conseguia imaginar-se a viver numa casa feita de madeira, que num sopro se incendiava e tão depressa se deformava, uma casa que chiava e que rangia e onde não se sentia a permanência do tijolo ou da pedra.

Embora procurasse limitar os seus receios à ideia de viver em tal morada, não conseguia evitar que o pensamento lhe fugisse para a viagem a bordo do *Adventurer*, o navio que as levaria até ao outro lado do Atlântico. É certo que os barcos lhe eram familiares, como, de resto, a qualquer residente de Bridport. Por vezes, acompanhava o pai até ao porto, quando chegava um carregamento de cânhamo. E já tinha mesmo subido a bordo e observado os marinheiros a ferrar as velas, a enrolar as cordas e a esfregar o convés. No entanto, nunca se fizera à vela num. Quando ela tinha dez anos, o pai levaria-os a passar o dia na povoação vizinha de Eype, e Honor, Grace e os irmãos tinham ido dar um passeio de barco a remos. Grace adorara estar na água, tinha gritado e rido e fingido que caía ao mar. Honor, pelo contrário, agarrara-se às bordas do bote enquanto os seus irmãos remavam e fizera um esforço para disfarçar o susto que lhe causavam o balanço do mar e essa curiosa e desagradá-

vel sensação de não ter os pés assentes em terra firme. Fixara-se, então, na mãe — que subia e descia a praia com o seu vestido negro e a coifa branca, à espera que os filhos regressassem sãos e salvos — e evitara, depois disso, andar de barco.

Era verdade que tinha ouvido histórias de más travessias, mas esperava saber enfrentar as circunstâncias como enfrentava qualquer outra dificuldade, com uma firme perseverança. Não tinha, porém, pernas de marinheiro. Era o que eles lhe diziam. E talvez devesse ter tirado essa conclusão no momento em que sentira a água debaixo dos pés, no barco a remos. Quando partiram de Bristol, deixou-se ficar no convés ao lado de Grace e dos outros passageiros, a contemplar a costa de Somerset e do norte de Devon, que então desfilava ao lado do navio. Mas enquanto para os outros a instabilidade era uma novidade engraçada, Honor sentia-se cada vez mais agitada, reagindo ao movimento do navio com um sobrolho carregado, os ombros contraídos e um peso no fundo da garganta, como se tivesse engolido uma medida de ferro de meio quilo. Ainda tentou aguentar-se o máximo que pôde, mas, no momento em que o *Adventurer* passava Lundy Island, o seu estômago cedeu e ela vomitou no convés. Um marinheiro que por ali andava deu uma gargalhada. «Já vomita e mal passámos o Canal de Bristol!», troçou. «Espere até chegarmos ao oceano. *Então* verá o que é vomitar!»

Honor vomitou no ombro de Grace, nos cobertores, no chão da minúscula cabine onde pernoitavam, para dentro de uma bacia de louça esmaltada. Vomitou quando já não havia mais nada para pôr cá fora, o seu corpo como um ilusionista conjurando algo a partir do vazio. No fim de cada crise, não se sentia melhor. E, quando chegaram ao Atlântico, e o navio começou o seu longo sobe e desce ao sabor da ondulação, continuou a vomitar. Agora, Grace também estava enjoada, como de resto muitos outros passageiros, embora fosse um enjoado de feição passageira, até se habituarem ao novo ritmo do navio. Honor nunca chegou a habituar-se: a náusea não a largou durante o mês inteiro que durou a travessia.

Quando Grace não estava nauseada, cuidava de Honor, lavando-lhe os lençóis, esvaziando a bacia, trazendo-lhe caldos de carne e

bolacha de bordo, lendo-lhe trechos da Bíblia, ou de algum dos poucos livros que tinham trazido na bagagem: *Mansfield Park*, *The Old Curiosity Shop*, *Martin Chuzzlewit*. Para a distrair, punha-se a falar da América, tentando fazê-la pensar no que tinham pela frente e esquecer o presente mais sombrio. «Que gostaríeis mais de ver, um urso ou um lobo?», perguntava, respondendo em seguida à sua própria pergunta. «Um urso, creio, porque os lobos são uma espécie de cães mais desenvolvidos, enquanto um urso só é igual a si próprio. Em que transporte preferíeis viajar: o barco a vapor ou o comboio?»

Honor gemeu só de pensar em mais uma viagem de barco. «Sim, o comboio», concordou Grace. «Quem me dera que houvesse um comboio de Nova Iorque para o Ohio. Um dia, haverá. Oh, Honor, mal posso acreditar: em breve, estaremos em Nova Iorque!»

Honor fez uma careta, desejando conseguir ver aquela mudança como a grande aventura que claramente se desenhava no espírito da irmã. Grace sempre fora a mais irrequieta das irmãs Bright, a mais disposta a acompanhar o pai quando este viajava de Bristol para Portsmouth, ou para Londres. E acabara mesmo por aceitar casar-se com um homem mais velho e decerto pouco empolgante só pela promessa que ele lhe estendia de uma vida longe de Bridport. Grace já conhecia os Coxes, uma família de cinco irmãos, desde que eles se tinham mudado de Exeter, vários anos antes, para abrir um negócio de fancaria. Mas só mostrara interesse em Adam quando ele decidira emigrar para o Ohio. Um dos irmãos — Matthew — já tinha ido para lá, mas caíra enfermo, e a mulher escrevera à família a pedir que um dos irmãos viesse ajudar no negócio. Desde que Adam se mudara para a América, ele e Grace tinham encetado uma assídua correspondência e, com delicadas insinuações, ela persuadira-o a pedir-lhe que se juntasse a ele no Ohio, como sua mulher, onde se ocupariam da loja juntamente com Matthew e Abigail.

Os Brights ficaram surpreendidos com a escolha de Grace; Honor sempre pensara que a irmã se casaria com um homem mais jovial. Mas Grace estava tão entusiasmada com a perspectiva de ir viver para a América que não parecia importar-se com a provável austeridade do marido.

Embora paciente e sentindo-se talvez culpada por submeter a irmã a semanas de enjoo marítimo, até mesmo Grace se foi exasperando com a persistente doença de Honor. Ao fim de alguns dias, desistiu de tentar motivá-la a comer; no fim de contas, a irmã não conservava nada no estômago por mais de alguns minutos. Começou a deixá-la sozinha na cabine para ir caminhar no convés, ou sentar-se a coser e a conversar com as outras passageiras.

Honor tentou ir com a irmã a um Encontro para a Adoração Divina, organizado por alguns Amigos que iam a bordo, mas, ao sentar-se em silêncio com eles numa cabine apertada, não conseguiu libertar-se dos seus pensamentos e esvaziar a mente, com receio de que, se o fizesse, perderia o escasso autodomínio que ainda lhe restava e vomitaria à frente de toda a gente. O balanço do navio e as convulsões do estômago não tardaram, pois, a obrigá-la a deixar a cabine.

Por vezes, nesta atribulada viagem de Bristol para Nova Iorque, e estando enrolada como um camarão no seu catre estreito, ou curvada sobre um bacio, Honor pensava na mãe, com a sua coifa branca, equilibrando-se sobre os seixos da praia de Eype, e procurava a razão por que tinha abandonado a segurança da casa dos pais.

Sabia porquê: fora Grace quem lho pedira, na esperança de que uma nova vida curasse o desgosto amoroso da irmã. Honor tinha sido preterida e, se o seu espírito era menos aventureiro, a ideia de permanecer no seio de uma comunidade onde era alvo de pena dera-lhe coragem para seguir Grace. Nunca se sentira insatisfeita em Bridport, mas, quando Samuel rompera o noivado, ficara tão ansiosa por partir como a irmã.

Todas as suas roupas tresandavam agora a um odor a carne azeda que nenhuma lavagem conseguia remover. Evitava o contacto com os outros passageiros e até com Grace: não suportava ver nos seus rostos aquela mistura de repugnância e compaixão. Em alternativa, encontrou um espaço entre dois barris, no convés a sotavento, e ali se enfiou, afastada da azáfama dos marinheiros e da curiosidade dos outros passageiros, mas próxima da amurada o suficiente para poder correr até lá e vomitar para o mar sem chamar as atenções. Ficou no convés mesmo sob a chuva e sob o frio, preferindo-o à

cabine minúscula com a sua tábua dura a fazer de cama e o fedor rente dos lençóis. Era, contudo, indiferente à paisagem marítima — o céu imenso e o mar, que tão vincado contraste faziam com as límpidas colinas verdes e os cerrados de Dorset. Enquanto os outros se deslumbravam e distraíam com as nuvens de tempestade, com os arco-íris, com a luz do sol vertendo a água em lençóis de prata, com os cardumes de golfinhos que perseguiam o navio ou com a cauda de uma baleia tão-somente vislumbrada, no caso de Honor, a monotonia e a náusea ceifavam qualquer assombro que lhe pudessem inspirar esses prodígios da natureza.

Quando não estava debruçada sobre a amurada, tentava abstrair-se do estômago revoltado e dorido tirando do baú o seu *patchwork*. De presente para a viagem, a mãe cortara-lhe centenas de hexágonos de tecido, amarelos e creme, e moldes de papel para ela coser em rosetas. Honor tivera a esperança de conseguir concluir, durante o percurso, um *Grandmother's Garden Quilt*¹, mas o balanço do convés tornara-lhe impossível estabelecer aquele ritmo certo que lhe permitia fazer esses pontos minúsculos e perfeitos que a distinguiam das demais. Até a simples tarefa de prender os hexágonos aos moldes com pontos soltos — a primeira lição de costura que aprendera na sua meninice — exigia uma maior concentração do que permitia o movimento do oceano. Em pouco tempo, tornou-se claro que qualquer tecido em que trabalhasse ficaria para sempre tingido de náusea, ou da ideia dela, que era quase a mesma coisa. Depois de passar alguns dias a tentar coser as rosetas, esperou até não estar ninguém por perto e lançou os hexágonos borda fora — enjoar-se-ia se alguma vez voltasse a pôr os olhos naquele tecido. Era um desperdício impressionante de um pano precioso, e ela sabia que devia tê-los oferecido a Grace ou às outras mulheres que iam a bordo, mas tinha vergonha do odor que se pegara a eles, e da sua própria debilidade. Ao ver os pedaços de tecido a flutuar na água, desaparecendo em seguida nas suas profundezas, sentiu um breve alívio no estômago.

¹ Literalmente, *Quilt do Jardim da Avó*, cuja parte de cima é feita inteiramente de hexágonos unidos para formar flores. As flores assim formadas são por sua vez unidas umas às outras através de novos hexágonos, dando forma a um *quilt* retangular. (NT)

— Olhe prò horizonte — indicara-lhe um marinheiro depois de assistir aos seus vômitos secos. — Suba à proa e fixe os olhos na rota. Não faça caso das lombas e solavancos, dos embalos e balanços. Fixe o que não se move. Só assim é que acalma o ventre.

Honor aquiesceu, embora soubesse que isso não ia funcionar, porque já o tinha tentado. De resto, tentara tudo o que lhe haviam sugerido: gengibre, uma botija de água quente nos pés, um saco de gelo no pescoço. Pelo canto do olho, espiou o marinheiro, pois nunca vira um homem negro de tão perto. Em Bridport, não vivia nenhum e, quando visitara Bristol, tinha visto um cocheiro negro a passar de repente, mas este sumira-se antes de poder contemplá-lo devidamente. Observou a pele do homem: era da cor das castanhas que dava o castanheiro-da-índia, não do fruto mais macio e lustroso, mas do mais áspero e queimado pelo vento. Fazia lembrar uma maçã que amadurecera até atingir um vermelho profundo e rico, enquanto as suas vizinhas na árvore permaneciam verdes e pálidas. O sotaque era impossível de situar, como se viesse de todos os lugares e de lugar nenhum.

O marinheiro, por sua vez, também a observava. Talvez não tivesse visto muitos *Quakers* na vida, ou tivesse curiosidade de saber como ela era quando não tinha o rosto deformado pela náusea. No seu estado normal, a testa de Honor era lisa e pontuada com sobrançelhas que pareciam duas asas abertas sobre os olhos cinzentos e rasgados. Os enjoo tinham, todavia, sulcado linhas onde antes não as havia, roubando-lhe a beleza tranquila do rosto.

— É tão grande o céu que me assusta — retorquiui, surpreendendo-se com o som da própria voz.

— Melhor que se acostume. No lugar pra onde vai é tudo grande. E porqu'ê que vai prà América, já agora? Vai à caça de marido? Os ingleses não lhe servem?

Não, pensou ela, não me servem.

— Vim acompanhar a minha irmã — respondeu. — Ela vai casar-se com um homem no Ohio.

— Ohio! — bufou o marinheiro. — Melhor ficar na costa, princesa. Não vá a lado nenhum aonde não chegue o cheiro do mar,

é o qu'eu lhe digo. Vai ficar presa lá em cima naquelas malditas florestas. Ah, lá vai ela outra vez. — Deu um passo atrás quando Honor se tornou a debruçar na amurada.

O comandante do *Adventurer* declarou que aquela fora a travessia mais fácil e mais rápida que o navio alguma vez fizera do oceano Atlântico. Sabê-lo só agravou o tormento de Honor. Volvidos trinta dias de mar, tropeçou, esquelética, nos ancoradouros de Nova Iorque, sentindo que vomitara toda a substância das suas entranhas até ficar apenas a casca que as envolvia. Para seu horror, o chão elevou-se e afundou-se sob os seus pés, da mesma forma que o convés do navio, fazendo-a vomitar uma última vez.

Sabia que, se não conseguira enfrentar a travessia mais branda que o Senhor lhe pudera dar, nunca mais seria capaz de regressar a Inglaterra. Enquanto Grace se ajoelhava no chão do porto, agradecendo a Deus por ter chegado à América, Honor começou a chorar, por Inglaterra e pela vida que levava antes. Um oceano impossível estendia-se, agora, entre o seu corpo e a sua casa. Não podia voltar para trás.

Mansion House Hotel
Hudson, Ohio
5º mês, 26º dia, 1850²

Queridos mãe e pai, William e George,

É com o coração despedaçado que vos transmito a notícia do falecimento, neste dia, da vossa adorada Grace. Deus levou-a tão jovem e quando estava tão perto de alcançar a sua nova vida na América!

Escrevo-vos de um hotel em Hudson, no Ohio, onde Grace permaneceu durante a última fase da sua doença. O médico disse-me que foi febre-amarela, que é, pelos vistos, mais comum na América do que em Inglaterra. Não me resta senão aceitar este diagnóstico, uma vez que não estou familiarizada com a doença ou com os seus sintomas. Tendo assistido à dolorosa partida da minha irmã, posso dizer-vos que Dorset teve a sorte de ser poupada a tal horror.

Já vos escrevi a relatar a nossa viagem até Nova Iorque. Espero que haveis recebido as minhas cartas de Nova Iorque e de Filadélfia. Nem sempre me sinto confiante, quando entrego cartas nesta terra, de que as mesmas chegarão ao seu destino. Em Nova Iorque, mudámos os nossos planos de viagem e decidimos ir de diligência até Filadélfia e atravessar a Pensilvânia até ao Ohio, em vez de ir de barco pelos rios e canais de Nova Iorque até ao Lago Erie e daí para baixo, até Cleveland. Embora muitos me tivessem assegurado que esses barcos eram muito diferentes dos navios que cruzam os mares, não consegui, ainda assim, enfrentar a ideia de regressar à água. Receio, agora, que a minha falta de coragem se tenha revelado fatal para Grace, pois talvez não tivesse contraído a febre se tivéssemos ido de barco. Com o vosso perdão e a compreensão de Deus, terei de viver com esta culpa.

Tirando um ligeiro ataque de enjoo marítimo, Grace permaneceu muito bem durante a travessia e até chegarmos a Filadélfia, onde ficámos hospedadas durante uma semana em casa de Amigos, a recuperar da viagem.

² Datação de acordo com o calendário *quaker*, no qual os nomes tradicionais dos meses e dos dias da semana são substituídos por números, por serem derivados dos nomes de antigas divindades pagãs. Janeiro corresponde ao 1º mês e domingo ao 1º dia, e assim por diante. (NT)

Enquanto lá estávamos, conseguimos assistir ao Encontro da Arch Street. Nunca tinha imaginado que pudesse haver um Encontro de tal magnitude — deviam ser quinhentos Amigos reunidos na mesma sala, vinte vezes maior do que a nossa em Bridport. Fico feliz por Grace ter conseguido assistir, no seu tempo de vida, a um Encontro assim.

Quando se viaja para o Ohio, existe uma rede estabelecida de Amigos, na Pensilvânia, em casa de quem podemos ficar. Ao longo de todo o caminho — em cidades grandes, como Harrisburg e Pittsburgh, e nas pequenas povoações também —, fomos bem recebidas, mesmo quando Grace já revelava os primeiros sintomas da febre-amarela, dois dias depois de termos saído de Harrisburg. A doença começa com uma febre, arrepios de frio e náusea, sintomas que podem confundir-se com os de tantas outras enfermidades, de tal forma que, no início, não suscitaram grande preocupação, tirando a do desconforto de Grace nas várias carruagens em que atravessámos a Pensilvânia.

Ficámos alguns dias em Pittsburgh, onde Grace recuperou o suficiente para insistir que continuássemos. Arrependo-me agora de lhe ter dado ouvidos e de não ter seguido o meu próprio instinto, que me dizia que ela precisava de mais descanso. Mas estávamos ambas ansiosas por chegar a Faithwell. Infelizmente, um dia depois, a febre regressou, desta vez acompanhada do vômito negro e da tez amarela que agora sei que confirma o diagnóstico da febre-amarela. Foi com grande dificuldade que consegui convencer os cocheiros a não nos deixar na berma da estrada e a levar-nos até Hudson. Lamento dizer que tive de gritar com eles, embora não esteja na natureza de um Amigo comportar-se dessa forma. Como os outros passageiros não permitiam que nos sentássemos no interior, com medo do contágio, os cocheiros obrigaram-nos a subir para cima da bagagem, no teto da carruagem. Foi uma viagem muito desconfortável, mas puxei Grace para mim e segurei-a com firmeza, para ela não cair.

Em Hudson, durou apenas uma noite até Deus a chamar. Durante grande parte desse tempo, estive delirante, mas, algumas horas antes de morrer, ficou lúcida por um breve instante e foi capaz de verbalizar o seu amor por cada um de vós. Eu teria preferido levá-la até Faithwell, para ser enterrada entre Amigos, mas foi enterrada hoje, aqui em Hudson, pois toda a gente receia que a infeção se espalhe.

Uma vez que estou tão perto de Faithwell, sinto-me determinada a continuar. Fica apenas a 64 quilómetros a ocidente de Hudson, o que não

é distância significativa depois dos 800 que percorri desde Nova Iorque e dos milhares de quilómetros através do oceano. Pesa-me que Grace tivesse estado tão perto da sua nova casa e que nunca chegará a vê-la. Não sei o que farei quando lá chegar. Adam Cox ainda não está a par destas tristes notícias.

Grace sofreu muito e aguentou com bravura, mas agora está em paz, com Deus. Sei que um dia voltaremos a vê-la, e isso serve-me de algum consolo.

*A vossa filha e irmã dedicada,
Honor Bright*